



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **O ENSINO DE GEOGRAFIA E A PRÁTICA DOCENTE: MEDIAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

AUCEIA MATOS DOURADO

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

### RESUMO

A experiência do Estágio Supervisionado é sempre um momento de aprendizagem significativa, pois procura estabelecer uma relação entre o conteúdo teórico apreendido na universidade e a realidade concreta, bem como um momento de superação das dificuldades encontradas nessa experiência. Para além da aplicação de técnicas e de metodologias, é preciso estabelecer vínculos entre teoria e realidade. Nessa perspectiva, o artigo em foco tem como objetivo apresentar as experiências do Estágio Supervisionado no Ensino de Geografia, desenvolvido na EJA - Educação de Jovens e Adultos, um relato que para além da descrição de fatos e atividades, busca estabelecer uma mediação entre teoria e prática[i]. A ideia de mediação utilizada nesse trabalho possui um sentido filosófico, pois pensa a relação entre teoria e realidade como algo indissociável. Assim acredita-se que a troca de saberes e a interação entre professor e aluno, suas vivências e experiências, pode tudo contribuir para que os alunos se percebam enquanto sujeitos da realidade, ajudando-o na leitura do mundo, suas relações e processos.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, ensino de Geografia, teoria e prática.

## **TEACHING GEOGRAPHY AND TEACHING PRACTICE: MEDIATION BETWEEN THEORY AND PRACTICE**

### ABSTRACT

The experience of a Supervised Internship is always a time of a significant learning, because it

demands establishing a relationship between the theory learned at the university and factual reality, and as well, it is a time to overcome the boundaries of this experience.

In addition to the application of techniques and methodologies, it is necessary to establish links between theory and reality. In this perspective, this article focus aims to present the experiences of the Supervised Internship in Teaching Geography, developed in EJA – (Portuguese abbreviation that stands for *Educação de Jovens e Adultos* - Youth and Adult Education), a report that in addition to the description of events and activities, seeks to establish a mediation between theory and practice. The idea of mediation used in this work has a philosophical sense, because it places the relationship between theory and reality as something inseparable. Thus it is believed that the knowledge exchange, teacher and student interaction, and their experiences can all contribute to students to realize themselves as subjects of reality, helping them in picturing the world, its relationships and its processes.

Keywords: Supervised internship, teaching Geography, theory and practice.

---

[i] O estágio foi realizado como requisito para conclusão do Curso de graduação em Geografia, como parte das atividades da disciplina Estágio Supervisionado em Geografia IV.

## **INTRODUÇÃO**

As atividades de estágio se consolidam como um aspecto teórico-prático do processo de formação, que oportuniza ao discente de formação em licenciatura, uma percepção da realidade escolar, seus problemas, desafios e também perspectivas. É na sala de aula que temos a oportunidade de não só avaliar o trabalho de outros profissionais (estágio de observação), mas também colocar em prática o conhecimento adquirido na universidade (estágio docência). O estágio docência em Geografia é, pois uma etapa importante na formação, pois além de se aplicar os conhecimentos, é a oportunidade de experienciar a realidade de uma determinada sala de aula, com dedicação, empenho no desenvolvimento do mesmo.

Braga (1999) coloca que a prática de ensino deve favorecer a descoberta, formando-se como processo dinâmico de aprendizagem em diferentes áreas de atuação no campo profissional, dentro de situações reais de forma que o aluno possa conhecer compreender e aplicar a teoria na sua atuação.

A partir do estágio, o aluno transformar-se-á em professor, com as habilidades necessárias para

exercer sua profissão. Para isto é de fundamental importância para o acadêmico de Licenciatura em Geografia, a prática do estágio como um momento de reflexão e de exercício da teoria, que adquiriu nas aulas.

Para Sousa (2012) o estágio é um dos pontos centrais na formação de professores, e é por meio dele que o profissional conhece aspectos indispensáveis para a sua formação estabelecendo as mediações necessárias entre teoria e prática. O estágio é um momento privilegiado em que o aluno se coloca como parte integrante de uma realidade, não só como pesquisador, mas, sobretudo como alguém que por meio das experiências da realidade; poderá modificá-la por meio de sua intervenção.

Nesse sentido o artigo em questão, foi organizado considerando as atividades desenvolvidas pelos autores[i] nas atividades práticas, da disciplina Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia IV, realizadas na Educação de Jovens e Adultos, numa turma do Ensino Médio (II etapa do EJAEM), turno noturno, na Escola Estadual Alceu Amoroso Lima, situada em Aracaju, estado de Sergipe.

Assim objetiva-se relatar as atividades desenvolvidas, lançando mão das experiências vivenciadas e da prática desenvolvida, com respaldo nas teorias que versam sobre os processos de ensino aprendizagem, sobretudo no campo do ensino de Geografia.

## **1. O ENSINO DE GEOGRAFIA E A REALIDADE ESCOLAR: MEDIAÇÕES NECESSÁRIAS**

As mudanças ocorridas na atualidade sinalizam que é necessário pensar a realidade sob novos olhares, considerando que o processo de globalização foi responsável por mudanças capitais em diversas ordens, no que diz respeito à aproximação dos lugares e pessoas, mas também no que diz respeito ao aumento das desigualdades sociais.

Assim considerando essas mudanças socioespaciais, sinaliza-se a necessidade de uma “nova escola”, de outra forma de fazer educação. No campo da Geografia é, pois também necessário que a ciência geográfica, se esmere na forma de compreensão sobre essas mudanças, uma vez que a mesma esta diretamente relacionada aos processos de produção e de organização do espaço. Seus pressupostos teóricos, conceitos e metodologias, podem contribuir para o entendimento sobre as necessidades de transformação na estrutura da sociedade. Essa Geografia deve, pois priorizar uma perspectiva crítica, dialogando com outras ciências.

Pontuschka (2000) concorda com a afirmativa, asseverando que a interação dos professores com as demais áreas do conhecimento e a cultura escolar é essencial no sentido de mobilizar toda a possibilidade existente nesse espaço em direção à formação do aluno no seu movimento de vida e nas relações sociais que mantém no interior dos grupos sociais e nas instituições a que pertence.

Esse mundo em movimento, de mudanças contínuas, apresenta novos desafios para o ensino de Geografia, uma vez que ciência geográfica instrumentaliza o aluno cidadão, a “ler o mundo” e compreender que forma, função, estrutura e processos, são elementos indissociáveis para a “leitura” da realidade em que se vive. Essa compreensão também poderá contribuir para a percepção do aluno cidadão, como alguém que “estando no mundo” pode contribuir para sua transformação.

Assim observa-se que é necessário pensar o ensino sob outras bases, suplantando velhas práticas e mudando atitudes, valores e metodologias de ensino, que fragmentam e descontextualizam o ensino. Destarte, é necessário, que na vida, assim como na escola fazer a coisa certa, e não somente “uma certa coisa” que remetem somente a mudanças pontuais (REGO, 2009).

Assim trazendo para o universo da sala de aula, é, pois essencial incentivar o aluno a ler o mundo, as relações e os processos. Ensinar o aluno a descobrir e ser sujeito da realidade “[...] a refletir para o presente, de forma a propiciar aos [mesmos] o desenvolvimento de um modo de pensar dialético, que é o pensar em movimento [...]” (SANTOS, 1995, p. 56).

Para Cavalcanti (1998, p. 23), o ensino de Geografia deve, pois contribuir para o aluno “[...] descobrir o mundo [...] focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza [...] realizar constantemente estudos do meio [...] interpretar textos, fotos, mapas, paisagens”.

A assertiva sobre a necessidade de mudança no espaço escolar advém, sobretudo, das modificações experimentadas pela sociedade, fruto, sobretudo do desenvolvimento tecnológico, pois hoje vive-se na “[...] cultura em que se clica [...]”, onde as tecnologias fazem parte do universo social e cultural dos alunos (COMIN; SILVA; ROCHA, 2013).

Assim, as novas maneiras de se pensar o saber fazer pedagógico, têm colocado desafios para a educação, no cumprimento de suas funções essenciais que é formar sujeitos com conhecimentos (habilidades linguísticas e operativas) e com consciência sobre seus direitos e deveres, se colocando agente transformador e não como mero expectador dessas mudanças. A formação desse sujeito, contudo, requer o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais, no espaço escolar, a fim de que os alunos possam fundamentalmente compreender e refletir sobre a realidade.

A escola deve oportunizar a construção do conhecimento, como um processo contínuo, com ênfase no interesse do aluno e na sua realidade, possibilitando-lhe fazer suas próprias descobertas, tendo o professor como mediador. A mediação nesse contexto é entendida como o um processo de troca de saberes e de experiências, considerado a interação entre professor e aluno.

O papel do professor nesse contexto poderá incentivar os alunos a exercícios criativos que, falando do seu lugar no mundo, compreende de outro modo o mundo por modificar a sua relação com o lugar (REGO, 2009).

Essas mudanças, contudo implicam uma nova postura e uma nova prática docente. Assim é, pois necessário refletir sobre nossas práticas, de modo que as mesmas possam ser dotadas de sentido, afastando-se do “pastel de vento”, como enfatiza Rego (2009). Assim construir uma educação com “recheio” é, pois refletir sobre a nossa prática, num processo que inclui um movimento dialético de renovação de posturas e de saberes (REGO, 2009). Uma prática que supere dificuldades e problemas que acompanham a educação brasileira ao longo das décadas, como desmotivação, indisciplina e metodologias tradicionais.

Paulo Freire, ao longo de sua vida dedicada à educação e nas suas inúmeras obras a exemplo de Pedagogia da Autonomia, Pedagogia do Oprimido, A importância do ato de ler, e Educação como prática da liberdade, assevera que a principal forma de superar as dificuldades e transformar o processo educativo é por meio de uma educação libertadora.

Para Freire (1980), o papel do educador é ser problematizador, construindo uma relação em que educador é também educando por meio de um processo de humanização de si com o outro. O educador deve crer firmemente nos homens e em seu poder criador, proporcionado, pois o diálogo a partir da realidade vivida pelo educando, não pretendendo transformar a realidade para o educando e sim com eles, buscando a investigação dos temas geradores, por meio da conscientização. O professor deve ser elo entre o aluno e o conhecimento, estimulando o desenvolvimento das posturas críticas frente à realidade.

Na visão de Moura e Alves (2002, p. 317), o educador que tem compromisso com a transformação social “[...] precisa buscar, nas dificuldades dos seus educandos, uma didática que surja dessa ação, e que, na prática educativa, o diálogo gerado entre educando e educador possa mostrar caminhos para a construção de uma pedagogia crítica e comprometida [...]”.

É necessário possibilitar a compreensão de que a melhoria nas condições de vida, a conquista dos direitos políticos, o usufruto dos avanços tecnológicos não são determinados por condições naturais, mas pela forma como a sociedade se organiza. A leitura crítica da paisagem permitirá ao aluno compreender que a produção e a organização do espaço é resultado da ação do homem sobre a natureza, mediada pelo trabalho.

Deste modo, entende-se que o papel do aluno como agente transformador do conhecimento depende também professor, que ao mesmo tempo é também orientador e amigo, uma relação que deve ser conduzida pelo prazer de ensinar e também aprender. Essa visão é compartilhada por Freire (1996), quando enfatiza que a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz

parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Essa compreensão, contudo só será possível com mudanças na prática pedagógica considerando suas múltiplas dimensões, pois a compreensão sobre a estrutura e a conjuntura de uma sociedade, são fundamentais para o entendimento da escola e da ação do professor, considerando nessa esfera o cotidiano escolar e os processos de gestão escolar. Assim uma boa relação entre a comunidade escolar é essencial para o desenvolvimento de novas metodologias, projetos de pesquisa e própria construção e reflexão sobre o projeto político pedagógico da escola. Essa prática pedagógica deve ser compreendida como “[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social” (VEIGA, 1992, p. 16). Assim uma mudança na prática pedagógica requer um esforço e um aprendizado constante, do saber falar, ouvir, propor, reivindicar, modificar ou mesmo ir contra o que esta posto.

Em se tratando do professor de Geografia, é necessário que o mesmo trabalhe com a realidade do aluno. Nesse sentido é também função do professor de Geografia ajudar na compreensão dos alunos sobre as relações entre sociedade e natureza e das implicações dessas relações. Igualmente essa realidade para o aluno deve se descortinar como um produto das relações que se estabelece entre o homem e a natureza, mediadas pelo trabalho. A valorização da experiência do aluno, sua história de vida, o contexto em que vive, é fundamental na compreensão da realidade, que deve ser “lida”, não como um processo natural, mas fruto das relações estabelecidas.

Nesse contexto, a mudança só será concretamente efetivada se mediante a presença de alunos capazes de se integrar a processo de mudança, ou seja, alunos sujeitos, com capacidade de discutir, analisar, reivindicar e refletir sobre sua realidade, dentro e fora da escola. É preciso ler além das palavras. Citando Paulo Freire numa fala proferida no Simpósio Internacional para a Alfabetização, no Irã, em 1975 e reproduzida no livro História das ideias pedagógicas por Moacir Gadotti, o autor afirma que não basta saber ler ‘Eva viu a uva’, sendo necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho (FREIRE apud GADOTTI, 1998).

Para que o aluno seja agente no processo de construção do conhecimento, é necessário que o mesmo estabeleça uma relação com seus professores frente ao processo de ensino-aprendizagem, onde o diálogo seja base, onde ouvir, refletir, discutir e compreender seja rotina diária dentro da escola. Sabe-se que o modo de agir docente em sala de aula influencia muito numa aprendizagem mais eficiente do aluno.

Como já exposto deve-se considerar sua leitura do mundo, suas experiências, seu saber-fazer e, sobretudo as relações que esse aluno estabelece com o espaço. “[...] A leitura da palavra é sempre precedida pela leitura de mundo [...]” (FREIRE, 1989, p.07) e traduz, sobretudo a nossa vivência

na sociedade (cultura, política, economia, aspectos sociais...).

Essa interação com o meio deve ser viabilizada com metodologias diversificadas e interativas, a exemplo do estudo do meio, que propicia o contato direto do aluno com seu meio imediato, exercitando a intuição através de trabalhos de campo e excursões. Trata-se de uma metodologia ativa e interativa por requerer um trabalho interdisciplinar (BUENO, 2009).

Silva e Cavalcanti (2008) indicam que a escola deve fazer uso de outras linguagens e outras formas de expressão para procurar se aproximar mais da realidade dos educandos, com destaque para o ensino de Geografia, levando o aluno a perceber, por exemplo, a Geografia no cotidiano, e sua mediação com o conhecimento científico. Essas informações, hoje divulgadas, e a cultura produzida num mundo dominado pelas tecnologias, estão repletas de informações geográficas, existindo, portanto inúmeras maneiras de pensar, representar e interpretar o espaço geográfico, inclusive, formas alternativas de leituras deste espaço.

Callai (2005) ainda em referência a mediação entre a escola e a realidade do aluno, enfatiza que ler o mundo, é também ler o espaço, que traz em si as marcas das ações humanas. É por meio da leitura de mundo que o aluno compreende as relações que são estabelecidas entre a sociedade e a natureza, observando e caracterizando os elementos presentes na paisagem. A autora também destaca que a Geografia tem como tarefa criar possibilidades para ajudar o aluno a “aprender a pensar o espaço”, ou seja, para que o mesmo perceba e leia seu espaço vivido, os lugares, as paisagens, desenvolvendo habilidades para olhar, observar, descrever, registrar e analisar.

De tal modo é necessário que o ensino de Geografia crie possibilidade para que o aluno se perceba, enquanto produtor desse espaço, parte dessa realidade. Nesse sentido “[...] o desafio é compreender o ‘eu’ no mundo, considerando a sua complexidade atual” (CALLAI, 2005, p. 230).

Considerando a importância da Geografia nesse contexto, é também imperativo uma série de mudanças de modo a empreender o ensino de Geografia sob outras bases. Considera-se que muitas modificações foram realizadas, tanto do ponto de vista conceitual quanto metodológico no sentido de promover uma renovação da ciência geográfica, entretanto as experiências em sala de aula e a persistência de velhos problemas sinalizam que ainda é necessário mudar atitudes, valores e metodologias de ensino, que fragmentam e descontextualizam o ensino.

Pensar todas essas modificações implica na formação dos estudantes de licenciatura com uma nova postura e com vivência no campo de trabalho. Assim as atividades de estágio podem ser consideradas como uma importante etapa de mediação entre o conhecimento teórico e a realidade concreta, oportunizando ao discente de formação em licenciatura, uma percepção da realidade escolar, seus problemas, desafios e também perspectivas. É na sala de aula que temos a oportunidade de não só avaliar o trabalho de outros profissionais (estágio de observação), mas

também colocar em prática o conhecimento adquirido na universidade (estágio docência). O estágio docência em Geografia é, pois uma etapa importante na formação, pois além de se aplicar os conhecimentos, é a oportunidade de experienciar a realidade de uma determinada sala de aula.

A partir do estágio, o aluno transformar-se-á em professor, com as habilidades necessárias para exercer sua profissão. Para isto é de fundamental importância para o acadêmico de Licenciatura em Geografia, a prática do estágio como um momento de reflexão e de exercício da teoria, que adquiriu nas aulas.

Assim infere-se que só com uma mudança na formação dos professores desde a sua base é que nos resgatamos o sentido da escola como um espaço de transformação, de *devir*, um espaço de possibilidades e de concretização dessas possibilidades. É, pois tarefa do professor por meio de uma prática consciente e ética contribuir para que os alunos “descubram” que essa escola que tem o poder de mudar pessoas e mudar realidades, para que possamos continuar com nossa capacidade de sonhar, de visitar de vez em quando o amanhã, como argumenta Freire (1980).

Só assim poderemos “fazer a coisa certa”, nos afastando definitivamente da educação “pastel de vento” a que se referiu Rego (2009) no texto Geografia, educação, linguagem: elementos de uma reconstrução ontológica?

Essa metáfora atenta para a necessidade de se construir uma educação com “recheio”, dotada de sentido, de conteúdo crítico, refletindo sobre a nossa prática, num processo que inclui um movimento dialético de renovação de posturas e de saberes.

Foi considerando esses pressupostos que se buscou desenvolver a experiência do estágio, como um momento de mediação entre o conhecimento teórico, aliado a prática, mas, sobretudo como um momento de interação com os alunos e de vivência significativa da prática docente.

## **2. O EXERCÍCIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA: AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO DO SUPERVISIONADO**

### **2.1. O campo de estágio e os sujeitos**

Como parte essencial das atividades da disciplina, “O Estágio Curricular Supervisionado é fundamental ao estagiário porque oportuniza [...] o contato com o mercado de trabalho, aumentando as possibilidades de ingresso do aluno no campo profissional [...]” (MENEZES; SILVA, 2010). Soma-se a esses aspectos, a possibilidade do aluno aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e experienciar à realidade da sala de aula, com uma visão sobre o campo de trabalho e as relações estabelecidas no ambiente escolar.

Outro fator importante na realização do estágio, é que o contato com a realidade nos possibilita

enxergar e reconhecer em nós a necessidade de aprimoramento em nossa formação acadêmica identificando nossas aptidões e interesses em relação à nossa escolha profissional (SOUZA, 2012).

A experiência de estágio aqui relatada, como exposto na introdução, ocorreu na Escola Estadual Alceu Amoroso Lima, numa turma do II EJAEM no turno noturno e compreendeu, sobretudo a regência das aulas da disciplina de Geografia.

A Escola Estadual Alceu Amoroso Lima, subordinada à SEED - Secretaria Estadual de Educação do Estado de Sergipe, esta situada no Bairro Aeroporto, Conjunto Santa Tereza, zona sul da cidade de Aracaju e foi fundada em 1982.

O estabelecimento de ensino atende a clientela de alunos do próprio bairro, e também de outros bairros vizinhos como Santa Maria, Aruanda e Coroa do Meio. Os bairros citados abrigam uma população de baixa renda, como é o caso do bairro Santa Maria, contudo, os maiores contrastes envolvem os bairros Aruanda e Coroa do Meio, pois num mesmo espaço encontramos condomínios e casa de luxo, dividindo espaço com invasões.

Em relação ao público alvo atendido pela escola, de acordo com as informações cedidas pela coordenação, os problemas que mais atingem a clientela são a evasão escolar, sobretudo entre os alunos do EJA e o baixo de rendimento escolar, problemas estes relacionados, principalmente com as questões familiares, além do envolvimento com as drogas.

Como já frisado, a sala de aula onde foram realizadas as atividades possuía 24 alunos matriculados, contudo a frequência média durante o período do estágio foi de 15 alunos. Segundo a coordenação pedagógica, o número máximo de alunos matriculados por turma chega a cinquenta alunos, contudo este número reduz-se muito quando contabilizados os que realmente frequentam. A escola realiza um levantamento estatístico de evasão e frequência desses alunos, e tem constatado que a mesma apresenta um quadro de evasão crescente principalmente no turno noturno, nas turmas do EJA.

Em pesquisa realizada pelos estagiários contactou-se que entre os alunos do II EJAEM frequentes 60% declararam possuir uma dupla jornada, revelando assim uma realidade comum aos alunos da EJA, a divisão do tempo entre a escola e o trabalho, com destaque para a faixa etária entre 18 e 25 anos (60%). A dificuldade em conciliar trabalho e estudo tem sido o um dos motivos descritos pelos alunos para a desistência da escola. Esse fato foi comprovado no II EJAEM. Do total de alunos matriculados (24 alunos) somente 66,7% terminaram o ano letivo. Os demais 33,3% evadiram ao longo do ano. Em relação à composição da sala, no que diz respeito ao sexo houve um relativo equilíbrio entre homens e mulheres com 46,67% e 53,33% respectivamente.

Pelo exposto nos resultados da pesquisa, pode-se observar que as características dos alunos do

EJA da Escola Alceu Amoroso Lima, confirmam os dados alusivos a maioria das situações encontradas nessa modalidade de ensino: evasão escolar, dupla jornada de trabalho e consequente baixo rendimento escolar.

A educação de jovens e adultos, por meio um processo que ocorre a longo prazo e deve primar pela autonomia e o senso de responsabilidade das pessoas e das comunidades. Esses objetivos, contudo só serão atingidos, mediante a mudança de postura do professor. Para ensinar é necessário aproximar o conhecimento da realidade dos educandos, da realidade vivida por eles. Por mais difícil que se apresente a realidade, se houver a dedicação, a interação com outros professores e o respeito pelo educando, o ensino aprendizagem se torna mais leve e prazeroso. Ensinar e aprender são atos contínuos e que diz de uma nova postura dos envolvidos nesse processo. É preciso, pois diálogo e abertura, para aceitar as sugestões e criar propostas que possam tornar significativos esses processos (PUNTEL, 2007).

Nesse sentido reitera-se que as experiências de vida devem ser aproveitadas pelo professor como possibilidade de aprendizado e como mecanismo para que o aluno compreenda que a realidade que o cerca. Esse professor, comprometido, responsável, consciente do seu papel como educador, como formador de opinião, fará a diferença, num mundo cada vez mais comandado pela tecnologia e pelas mudanças. O profissional de ensino de Geografia necessita estar atenta a estas mudanças se adequando às mudanças e exigências

Assim a Educação de Jovens e Adultos deve ser vista como um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido restrito, devendo considerar como parte intrínseca dessa formação a educação para a cidadania e para a liberdade. Uma porta que se abre para democratização do acesso ao conhecimento. Uma possibilidade para milhares de pessoas que não tiveram acesso à escola no período regular e que querem mudar sua realidade (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001).

### **3. Estágio supervisionado: a experiência da regência**

O estágio como um todo compreendeu a fase do diagnóstico escolar, planejamento das atividades com conjunto com a regente da classe, bem como a preparação dos materiais didáticos, em função da ausência do livro didático.

O planejamento das aulas se deu com base nas especificidades da turma, uma atividade coletiva, dotado de objetivo, que envolveu os estagiários e a professora regente. Considerou-se como requisito no planejamento das aulas os recursos disponíveis para o ensino geográfico, pois é somente tendo conhecimento das limitações da realidade que podemos tomar decisões para superação das condições existentes. O exercício da prática da docência ocorreu no período de

18/11/14 à 04/12/14.

As conversas com a regente sobre o perfil da turma foram fundamentais para o planejamento das aulas do estágio, de modo a contemplar os objetivos de cada conteúdo e o planejamento das atividades. A descrição das aulas a seguir mostra detalhadamente cada dia de regência. Para cada dia de aula elaborou-se um plano de aula, com os respectivos materiais (textos, slides, exercício). As descrições das aulas foram realizadas, de acordo com a memória registrada no caderno de campo.

O primeiro dia de regência ocorreu no dia 18/11/14, das 20h30min às 22h00min (2 h/a), com temática sobre a **“Caracterização do espaço brasileiro”**. Nessa aula utilizou-se a música **“País Tropical”** de Jorge Ben Jor, que retrata o país em sua diversidade. Após a audição da música, distribuiu-se uma apostila com a letra da música e os alunos realizaram uma atividade de análise da mesma, destacando no texto as características inerentes ao Brasil (país tropical, diversidade, cultura). Após a atividade, iniciou-se a aula, com o uso do mapa, explorando aspectos como: a extensão territorial, posição geográfica, dentre outros aspectos. Distribuiu-se também uma apostila, com o conteúdo referente à aula.

O segundo dia de regência ocorreu no dia 20/11/14 das 19h00min às 20h30min (2 h/a). A aula foi uma continuação da aula anterior com aplicação da temática “Espaço brasileiro: limites, fronteiras e fusos horários”. Realizou-se algumas anotações pontuais na lousa sobre os limites, fronteiras e as diferenças entre os fusos horários. Utilizou-se o mapa como recurso e um globo. Foi também distribuído um exercício (uma mapa do Brasil) para os alunos marcarem as linhas dos fusos horários, pontos extremos e as fronteiras. A aula transcorreu como previsto, com participação dos alunos, contudo alguns saíram da sala antes do término da mesma, alegando sempre a questão do horário.

No dia 24/11/14, das 20h30min às 22h00min (2 h/a) ocorreu o terceiro dia de regência. Nesta aula iniciou-se o conteúdo sobre **“Brasil: formação e expansão territorial”**. O objetivo do planejamento da aula se deu em função da necessidade de situar historicamente o aluno quanto ao processo de formação do território nacional, para depois iniciar o conteúdo sobre as regiões brasileiras. A aula teve início com a chamada e para apresentação do conteúdo, realizou-se uma *“Tempestade de Ideias – Brainstorming”*, observando-se o conhecimento prévio dos alunos sobre o conteúdo. Após a atividade, procedeu-se a exposição do conteúdo sobre aos aspectos referentes à história da formação territorial do Brasil e sua interface com a geografia, com uso do data-show. A participação na aula foi satisfatória e com uma presença expressiva de alunos (16 alunos), contudo essa participação é maior por parte dos alunos mais velhos. Distribuiu-se também uma apostila referente ao assunto.

O quarto dia de regência aconteceu no dia 25/11/14 das 20h30min às 22h00min (2 h/a). Nesta aula foi introduzido o conteúdo sobre **“Regionalização e as regiões geoeconômicas”**. A

dinâmica da aula compreendeu a leitura e análise de um texto sobre o conteúdo exposto, seguido de questionamentos. A leitura do texto teve como objetivo estimular a participação dos alunos, além de possibilitar o conhecimento dos mesmos sobre os objetivos dos processos de regionalização. A chamada só foi realizada no final da aula.

O quinto dia de regência ocorreu em 27/11/14, das 19h00min às 20h30min (2 h/a). A aula foi organizada com o conteúdo referente **"As regiões brasileiras: caracterização"**. Explorou-se o conteúdo sobre as principais características das regiões brasileiras destacando os aspectos particulares de cada região. Utilizou-se para explanação do conteúdo o mapa político e o data-show. Também organizou-se uma apostila sobre o conteúdo, de modo a facilitar a apreensão do conteúdo, uma vez que os alunos não possuem livro. A chamada só foi realizada no final da aula e houve participação dos alunos, principalmente quando o conteúdo se referiu à região nordeste, em função de contemplar a realidade dos alunos.

O sexto e último dia de regência ocorreu no dia 04/12/14, das 19h00min às 20h30min (2 horas/aulas). Essa aula foi dedicada à aplicação da Oficina Pedagógica – bingo geográfico. O planejamento da atividade compreendeu as seguintes etapas: elaboração de uma lista de perguntas referente ao conteúdo "O espaço brasileiro: caracterização, limites, fronteiras, formação histórica e divisão regional"; confecção das cartelas em material adequado; Organização das perguntas (as perguntas serão impressas e recortadas em forma de tirinhas de modo que possam ser acondicionadas no recipiente usado para o sorteio); Organização da turma conforme a quantidade de alunos; apresentação das regras do bingo geográfico; distribuição das cartelas e dos grãos de milho para marcar as cartelas; sorteio das questões e acompanhamento da atividade sempre atentando para as regras; conferência da cartela quando surgir o provável ganhador; distribuição da premiação.

A oficina foi elaborada com o propósito de criar um diferencial nas aulas de Geografia, superando os procedimentos descritos por Cavalcante (2013) tais como do professor explicador, o livro didático como fonte única, o mapa como ilustração e como instrumento de memorização dentre outros. A atividade foi bastante produtiva e contou com a participação de todos os alunos. Além de um momento de aprendizado, foi também um momento de socialização. Após o bingo nos houve a despedida dos alunos.

Constatou-se durante estágio, que somados aos problemas de ordem educacional, outros problemas também circundam esse universo, pois existe uma carência afetiva e emocional por parte dos alunos, mesmo entre os alunos do EJA, na sua maioria adultos. Assim é necessário que o professor crie na sala de aula um ambiente de confiança e de respeito às diferenças individuais. Foi nesse sentido que desenvolvemos nossas atividades, buscando a interação e o cultivo de outras habilidades dos alunos para além das cognitivas. Buscávamos sempre desenvolver um ambiente

de respeito e de companheirismo, estreitando assim os laços entre alunos e professores, valorizando suas experiências e histórias de vida.

Destarte é necessário a valorizar a experiência do aluno e seu saber fazer como parte do processo educativo, pois as relações diárias e cotidianas também são parte do aprendizado, e que o conhecimento também é construído com a experiência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As experiências partilhadas no estágio, nos fez perceber que mesmo diante das mudanças ocorridas na educação e na prática pedagógica nos últimos anos, velhos problemas ainda persistem a exemplo da evasão, distorção idade-série, metodologias tradicionais, indisciplina e professores desestimulados. Estes problemas devem ser compreendidos, num contexto mais amplo e, pois demandam não só a necessidade de mudanças na prática pedagógica, mas também políticas públicas de uma forma geral.

Nesse sentido acredita-se que se esse é um quadro persistente, também persistentes devem ser nossos esforços, no sentido de construir uma nova escola. Essa escola nova deve, pois desenvolver um ensino que recomponha e articule realidade e teoria num perspectiva interdisciplinar, possibilitando a construção de novos conhecimentos, pois “[...] a escola é mediadora entre o aluno e o mundo [...] e cumpre esse papel pelo processo de transmissão e assimilação crítica dos conhecimentos inserida no movimento da prática social concreta dos homens, que é objetiva e histórica” (LIBÂNEO 1992, p. 51). Nessa nova escola o professor deve ser elo entre o aluno e o conhecimento, estimulando o desenvolvimento das posturas críticas dos alunos frente à realidade.

Assim cabe também ao professor de Geografia ajudar o aluno na compreensão sobre as relações entre sociedade e natureza. Infere-se assim que é necessário possibilitar a compreensão de que a melhoria nas condições de vida, a conquista dos direitos políticos e o usufruto dos avanços tecnológicos não são determinados por condições naturais, mas pela forma como a sociedade se organiza, como os homens de inserem no processo produtivo. Ao professor de Geografia também cabe contribuir para que o aluno tenha uma maior compreensão sobre sua posição nas relações que se estabelece na sociedade. Espera-se que, dessa forma, eles desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre os diferentes aspectos da realidade, compreendendo que o homem é o sujeito e responsável por suas ações, e que percebam que a escola é um espaço para transformação, de mudanças, de possibilidades.

A experiência do estágio ainda que revele os problemas do ensino público, é também um momento de reflexão sobre a prática enquanto futuros docentes. É um momento de reafirmação da necessidade de uma educação mais eficiente, que ajude o indivíduo não só a se conscientizar sobre

a necessidade de mudança, mas, sobretudo dotá-lo de possibilidades para mudar, para que possamos ir além das palavras, ir além dos números... Para que possamos continuar com nossa capacidade de sonhar, de acreditar nas possibilidades.

---

BUENO, Míriam Aparecida. A importância do estudo do meio na prática de ensino em geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 29, n. 2, p. 185-198, jul./dez, 2009. CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. CAVALCANTI, Lana de Souza. **A construção do conhecimento escolar: conceitos e conteúdos**. Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, Paraíba 15 a 19 de setembro de 2013. COMIN, Flaviene Valcorte; SILVA, Vanessa Oliveira da; ROCHA, Mirian Oliveira da. Ensino de geografia e o uso de multimídia interativa: a confecção do atlas populacional da microrregião geográfica de Santa Maria/RS. **Revista Geografar** - Curitiba, v.8, n.1, p.28-47, jun./2013. DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.)

[scielo.br](http://www.scielo.br)

[/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf)

Acesso em: 10. Dez. 2014. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1998. LIBÂNEO, José Carlos. **A Democracia da escola pública**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; SILVA, Gicélia Mendes. **Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010. MOURA, Jeani Delgado Paschoal; ALVES, José. Pressupostos teórico-metodológicos sobre o ensino de geografia: elementos para a prática educativa. **Geografia** - Volume 11 - Número 2 - Jul./Dez. 2002. PONTUSCHKA, Nídia N. Geografia, representações sociais e escola pública. **Terra Livre**. São Paulo, n. 15, p. 145-154, 2000. PUNTEL, Geovane Aparecida. Os mistérios de ensinar e aprender geografia. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A.C.;

KAERCHER, N.A. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 89-101. REGO, Nelson. Geografia, educação, linguagem: elementos de uma reconstrução ontológica?

**Revista da ANPEGE**, v. 5, 2009, p. 1-13. SANTOS NETA, Maria da Paz dos; ANDRADE Ismael Mendes. **Estágio em geografia: teoria e prática na formação de professores**.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.uesb.br)

[uesb.br](http://www.uesb.br)

[/eventos/ebg/anais/3o.pdf](http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/3o.pdf)

.  
Acesso em: 06. Jun. 2013. SANTOS, Douglas. Conteúdo e objetivo pedagógico no ensino de Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 17, p. 20-61, jun. 1995. [Dossiê: Geografia e Ensino]. SILVA, Eunice Isaias da; CAVALCANTI, Lana de Souza. A mediação do ensino-aprendizagem de geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia - Goiás - Brasil v. 28 n. 2 p. 141-156 jul. / dez. 2008. SOUZA, Ana Maria Rodrigues de. **A importância do estágio na formação profissional**. 2012.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.portaleducacao.com)

[portaleducacao.com](http://www.portaleducacao.com)

[.br](http://www.portaleducacao.com.br)

[/pedagogia/artigos/20570/a-importancia-do-estagio-na-formacao-profissional#ixzz2ZF1Sm3YC](http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/20570/a-importancia-do-estagio-na-formacao-profissional#ixzz2ZF1Sm3YC).

Acesso em: 20 de Maio. 2013. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 2. ed. Campinas, Papirus, 1992.

[1] O estágio foi realizado como requisito para conclusão do Curso de graduação em Geografia, como parte das atividades da disciplina Estágio Supervisionado em Geografia IV.

\*Auceia Matos Dourado. Professora da Universidade Federal de Alagoas – Unidade de Ensino de Penedo.

Recebido em: 03/07/2016

Aprovado em: 03/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: